

APRENDIZAGEM E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA METACOGNITIVA: REFLEXÕES SOBRE OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PARA A PRÁTICA DOCENTE

¹Alessandra Weiss Ferraz de Oliveira

²Ana Cláudia Blanchet

RESUMO

Hoje as constantes e aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade causam uma nova configuração no acúmulo de saberes e conhecimentos, associadas à alta gama e à rápida disseminação de informação, podendo as mesmas ser obtidas de diversas maneiras, em qualquer lugar e a qualquer hora, em decorrência do desenvolvimento de inúmeras tecnologias. Logo, a escola sendo uma instituição responsável por gerenciar e favorecer um ambiente que propicie a aprendizagem do aluno por meio da construção do conhecimento exige que o docente assuma uma mudança em sua atitude, na qual deixe de ser um transmissor de conteúdos e esteja, cada vez mais, preparado a lidar com as particularidades dos seus alunos. Nesse sentido, a investigação no âmbito da consciência humana revela a necessidade de compreender as características que envolvem a estrutura pensante do sujeito e a sua relação com a construção do conhecimento. Assim, o objetivo do estudo foi identificar as contribuições dos estilos de aprendizagem para a tomada de consciência metacognitiva do professor e, conseqüentemente para o processo educativo. Como aporte teórico, utilizamos autores que abordam a temática da metacognição e dos estilos de aprendizagem. A pesquisa de revisão bibliográfica foi realizada no portal de periódicos da CAPES e no LILASC-Bireme. Conforme pesquisa do estado da arte, os artigos foram filtrados a partir do ano 2000. Dos 123 artigos analisados, selecionamos 18. Para a análise e comparação dos artigos pesquisados utilizamos uma matriz com os seguintes tópicos: Objetivos, Metodologia e Resultados/conclusões. E categorizamos os artigos em: estratégias metacognitivas e ensino; estratégias metacognitivas e aprendizagem; estratégias metacognitivas e desempenho, estratégias metacognitivas e motivação, estilos de aprendizagem e metacognição e por fim, estilos de aprendizagem e tomada de consciência. Foi possível concluir, que a maioria dos artigos aponta melhorias significativas no desempenho escolar e nas tarefas acadêmicas dos alunos quando o desenvolvimento metacognitivo encontra-se presente no processo ensino do professor. Portanto, a metacognição é fundamental para o desenvolvimento do aluno íntegro. Assim como, para a tomada de consciência metacognitiva do professor sobre o seu estilo de aprendizagem, o qual influencia diretamente na sua prática educativa.

Palavras-chave: Metacognição; tomada de consciência; estilos de aprendizagem.

¹ Mestranda em Educação Física pela UTFPR. Especialista e Neuropsicologia e Aprendizagem. Professora na Prefeitura Municipal de Curitiba-Pr. Pesquisadora integrante no Grupo de Pesquisa em Ciência do Esporte da UTFPR. E-mail: alewfo@hotmail.com

² Mestranda em Educação pela PUCPR. Especialista em Psicopedagogia e em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Doutor Leocádio José Correia. Psicóloga pela Faculdade Evangélica do Paraná. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Prática Docente da PUCPR. Bolsista CAPES. E-mail: anaclanchet@gmail.com

Introdução

A prática como educadoras e os estudos sobre a metacognição, incentivaram a iniciar o estudo sobre “Aprendizagem e a tomada de consciência: reflexões sobre os estilos de aprendizagem para a prática docente”, pois apontam entre outras coisas a necessidade de identificar as contribuições dos estilos de aprendizagem para a tomada de consciência metacognitiva do professor e, conseqüentemente para o processo educativo.

Nesse sentido, a presente pesquisa questiona quais as contribuições dos estilos de aprendizagem para a tomada de consciência metacognitiva do professor, e conseqüentemente para o processo educativo?

Segundo Ribeiro (2003, p. 109), as investigações em torno da aprendizagem têm sido extensivamente estudadas, no que refere-se ao desempenho escolar. Em termos do desenvolvimento cognitivo, a utilização de “estratégias metacognitivas” tem revelado diferenças significativas para a aprendizagem do educador e do educando. Visto que, é uma atividade consciente e intencional capaz de otimizar a aprendizagem.

Nesse sentido, a metacognição proporciona ao sujeito a reflexão em torno do seu processo de pensar, suas experiências, vivências e conhecimentos, tornando-se conscientes e capazes de conhecer suas facilidades e dificuldades durante a aprendizagem. Frente ao contexto escolar ressalta-se a importância de frequentemente levar o professor e o aluno a refletir sobre suas ações e aprendizagem garantindo, assim, aprendizagens mais significativas.

Desta forma, instrumentalizar o professor com o conhecimento sobre o seu estilo de aprendizagem favorece a reflexão sobre si e conseqüentemente sobre sua prática pedagógica.

Metodologia

O presente estudo teve caráter exploratório, de natureza qualitativa, sendo caracterizado segundo a natureza dos dados, como pesquisa bibliográfica, a qual de acordo com Prodanov (2013) é a pesquisa que depende de material já publicado.

A pesquisa foi realizada nos meses de setembro, outubro e novembro de 2016 no portal de periódicos da CAPES e no LILASC-Bireme. Com o intuito de identificar os estudos sobre a metacognição e aprendizagem, conforme pesquisa do estado da arte, os artigos foram filtrados a partir do ano 2000. No portal da CAPES foram selecionados 12 de 71 artigos entre as páginas 1 e 8. No portal LILACS – Bireme foram selecionados 6 de 52 artigos. Os descritores utilizados foram: metacognição, metacognição e aprendizagem e estilos de aprendizagem.

Identificamos como relevantes para o estudo os artigos que tratavam da metacognição e aprendizagem, consciência e metacognição, metacognição como apoio na aprendizagem, metacognição e o ensino, metacognição e o desempenho escolar e metacognição, estratégia de regulação e monitoramento e metacognição e estilos de aprendizagem. Para a análise e comparação dos artigos pesquisados utilizamos uma matriz com os seguintes tópicos: Objetivos, Metodologia e Resultados/conclusões. E categorizamos os artigos em: estratégias metacognitivas e ensino; estratégias metacognitivas e aprendizagem; estratégias metacognitivas e desempenho e por fim estratégias metacognitivas e motivação; estilos de aprendizagem

Aprendizagem e Tomada de Consciência

O processo de aprendizagem é entendimento como multidimensional, complexo, dinâmico e perpassa todas as fases do desenvolvimento do indivíduo, desde o nascimento até a velhice. Assim, cada situação vivenciada, torna-se uma oportunidade para que o sujeito fortaleça e elabore o potencial de aprendizagem.

Pozo sustenta-se a ideia de que o ato de aprender faz parte do que ele chama de cultura da aprendizagem, afirmando que “a função fundamental da aprendizagem humana é interiorizar ou incorporar a cultura, para assim fazer parte dela” (POZO, 2002, p.25). Ou seja, à medida que o sujeito é transformado pelo meio, simultaneamente, modifica o meio em um processo integrado. Averigua-se assim que a cultura e a aprendizagem se constroem por meio de processos mútuos e interdependentes. E para que aprendizagem se efetive é necessário que a pessoa desenvolva os processos cognitivos necessários que são considerados ferramentas de um recurso cultural, se definindo como maneiras diferentes de aprender.

Tais processos permitem que o aprendiz construa conhecimentos e reelabore informações, frente à nova cultura da aprendizagem, proporcionando ao mesmo uma atitude pensante e ativa frente ao processo de aprender.

Deste modo, o uso de ferramentas cognitivas, as quais são definidas como um conjunto de processos que o sujeito dispõe para construir o conhecimento, favorecem com que o aprendiz esteja mais preparado frente às diferentes oportunidades de aprendizagem. Para isso, Claxton (2005, p.24) agrega que “precisamos de uma nova concepção da mente humana e de seus potenciais de aprendizagem: uma concepção que tenha em seu cerne a capacidade de aprendizagem da própria aprendizagem”. Para isso evidencia-se a importância do sujeito assumir uma postura ativa e, conseqüentemente, consciente frente a sua aprendizagem.

Para Alves (2012), o sujeito consciente é aquele que intencionalmente age no mundo, criando, construindo e fomentando possibilidades de intervenção e mudança. Compreende-se, então, que a consciência não é um processo espontâneo, o funcionamento intelectual humano se forma e se transforma mediante a apropriação ativa do sujeito em situação de interação, com pessoas e objetos, e o faz mais e melhor à medida que a atividade coletiva de reflexão vinculasse às práticas sociais dos sujeitos. Esse processo consciente envolve, antes de mais nada, o despertar da atenção do sujeito em relação ao objeto. Promovendo, a partir desse contato, mudanças internas que constituem conteúdo de conhecimento.

Nessa linha de raciocínio, os diferentes estudos sobre a mente humana permitiram compreender a subjetividade que envolve o comportamento e a construção do conhecimento na relação entre o sujeito e o objeto. Podemos assim considerar, a consciência no viés da metacognição como sendo a “capacidade de refletir sobre si mesmo e sobre a adequação dos próprios pensamentos, uma característica humana fundamental” (BANDURA, 2008, p. 78). Sendo assim, o sujeito exerce papel ativo na sua própria história, reconhecendo e julgando as suas ações nos diferentes contextos vividos, e tornando-se consciente do seu processo interno cognitivo, suas experiências, crenças, dificuldades e facilidades.

Esse processo também chamado de estratégias metacognitivas compreende os aspectos de estratégia de consciência, estratégia de controle e estratégia de autopoiese. É uma atividade consciente e intencional por parte do sujeito, que exige planejamento, controle e avaliação (PORTILHO, 2009). Essas estratégias permitem ao aprendiz entrar em contato com a sua aprendizagem, aprendendo novos caminhos que levem aos objetivos desejados.

Com base nessa perspectiva, a estratégia de consciência ou tomada de consciência pode ser compreendida como os conhecimentos que o indivíduo possui sobre seus recursos cognitivos e a relação entre eles. Logo, ao tomar consciência o sujeito regula e controla seus recursos cognitivos.

A estratégia metacognitiva de tomada de consciência, segundo Portilho (2009), refere-se ao conhecimento que o indivíduo adquire sobre as variáveis que caracterizam a natureza da pessoa (seus recursos cognitivos e afetivos), das diferentes tarefas cognitivas e das possíveis estratégias que podem ser aplicadas para a solução das diversas atividades, considerando os conhecimentos que as pessoas possuem para executar uma série de ações com a finalidade de resolver uma tarefa.

Nesta perspectiva, entende-se que o sujeito é um potencial avaliador dos seus processos cognitivos. Como condição essencial para a aprendizagem, quanto mais o indivíduo

compreende o seu fazer, relaciona as suas experiências vividas e constrói novos conhecimentos, mais facilmente encontrará novas alternativas para solucionar os obstáculos do seu aprender.

Portanto, é essencial que o professor constantemente reflita a sua prática pedagógica de maneira crítica, estimulando a curiosidade de seus alunos e constituindo a solidez da autonomia do ser do educando (FREIRE, 1996, p. 109). Deste modo, entende-se que os professores dispõem de um conhecimento prático, o qual perpassa por uma multidimensionalidade, e que é adquirido no cotidiano escolar. Entretanto, somente esse conhecimento prático não atende a todas as demandas educativas, acredita-se que estes podem, também, ser apropriados à medida que os docentes reconhecem os seus estilos de aprendizagem, os quais influenciam em suas maneiras de ensinar.

Estilos de Aprendizagem

O termo Estilos de Aprendizagem é atribuído a forma como os sujeitos gostam de aprender, englobando o modo como a pessoa recebe, interpreta e pensa. De acordo com Beltrami (2008) a teoria dos Estilos de Aprendizagem objetiva que o sujeito aprendente reconheça o(s) seu(s) estilo(s) predominantes durante o processo de aprendizagem e a partir daí potencialize os demais estilos tornando-o flexível sua maneira de aprender.

Segundo Alonso e Gallego (2002) os estilos de aprendizagem se caracterizam como traços cognitivos, afetivos e fisiológicos, que servem como indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem a seus ambientes de aprendizagem.

Os estilos de aprendizagem podem ser compreendidos como as tendências e preferências individuais de uma pessoa, que influenciam em sua forma de apreender um conteúdo. Vale ressaltar, ainda, que ao aprender, “não existe uma só e única maneira de aprender” (OSPINA, SALAZAR, MENESES, 2013, p.82). Contudo, evidencia-se que na prática pedagógica “nem sempre os estilos exigidos estão de acordo com os estilos dos estudantes, o que pode levar à facilitação ou debilitação do processo de ensino-aprendizagem” (SANTOS, AMADI e OLIVEIRA, 2005, p.07).

Nesse sentido, identificar os Estilos de Aprendizagem oportuniza que o sujeito aprendente se autoconheça, compreendendo melhor o seu processo de aprendizagem e obtendo melhores resultados em suas atividades acadêmicas e educativas.

Quanto à apresentação do tema Estilos de Aprendizagem, o autor e psicólogo americano David Kolb (1984) afirma que a aprendizagem se mostra como um processo experiencial, individual e cíclico constituído por quatro estágios. O autor ressalta que para cada estágio o aprendiz desenvolve habilidades específicas, as quais se constituem em quatro estilos de aprendizagem: convergente, divergente, assimilador e acomodador. Corroborando com esta ideia Honey e Mumford (1988) adaptaram os quatro estilos de aprendizagem à realidade inglesa, nomeando-os como: ativo, reflexivo, teórico e pragmático

Conforme Portilho (2003) vale ressaltar que Kolb define que os Estilos de Aprendizagem são situacionais, ou seja, a pessoa pode apropriar-se de um ou outro estilo de aprendizagem de acordo com a situação a qual se encontra.

Em suma, as concordâncias entre os autores revelam que os estilos de aprendizagem são dinâmicos e não implicam habilidade, capacidade ou inteligência (CERQUEIRA, 2006, p.35). Quando se trabalha com o conceito de estilo de aprendizagem delimita-se o modo o qual o sujeito prefere utilizar suas habilidades práticas, não havendo estilos bons ou maus, mas apenas diferentes estilos de aprendizagem. Logo, revela-se a importância da conscientização destes para o contexto educativo e o processo de aprendizagem.

Resultados

A partir dos dados pesquisados objetivou-se analisar os artigos considerando suas semelhanças e diferenças. Desta forma, considerando as semelhanças observadas nos artigos, os resultados por autores foram categorizados em: estratégias metacognitivas e ensino; estratégias metacognitivas e aprendizagem; estratégias metacognitivas e desempenho; e estratégias metacognitivas e motivação. Dos 18 artigos, apenas dois abordaram as estratégias metacognitivas relacionada ao desempenho e a motivação, considerando relevantes para o processo de ensino-aprendizagem o papel mediador da motivação e a correlação positiva entre o nível de desempenho e o conhecimento metacognitivo. Quatro artigos pesquisados relataram sobre as estratégias metacognitivas e sua relação com o ensino. Esclarecendo que a aprendizagem metacognitiva do aluno solicita ao professor atitudes estratégicas. Além do que, os professores podem atuar como mediadores cognitivos e metacognitivos da aprendizagem. Para isso, um artigo afirma ser necessário a promoção de formações voltadas a melhora das capacidades metacognitivas dos professores.

Por fim, doze artigos descreveram sobre a importância das estratégias metacognitivas para a aprendizagem. Diante dos resultados, foi possível observar que o desenvolvimento das

habilidades metacognitivas tornam os alunos mais aptos a resolverem problemas, alcançando melhores resultados nas disciplinas e conquistando a independência intelectual. Sendo fundamental para o processo de aprendizagem o monitoramento frequente sobre o conteúdo aprendido e o desempenho.

A maioria dos artigos apontam melhorias significativas no desempenho escolar e nas tarefas acadêmicas dos alunos quando o desenvolvimento metacognitivo encontra-se presente no processo ensino do professor. Logo, a metacognição é fundamental para o desenvolvimento do aluno íntegro e para a tomada de consciência metacognitiva do professor sobre o seu estilo de aprendizagem.

Assim, cabe ao professor estimular o pensar e propiciar a reflexão crítica em sala de aula considerando as várias dimensões que influenciam a aprendizagem. Nesta perspectiva, Vygotsky (2003, p.77) sustenta que a “educação é realizada através da própria experiência do aluno, que é totalmente determinada pelo ambiente; a função do professor se reduz à organização e à regulação de tal ambiente”. Assim, evidencia-se o papel do professor como essencial para que cada aluno atinja a sua zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a construção efetiva do conhecimento.

Para tal, salienta-se a importância da tomada de consciência por parte do docente das funções as quais desempenha na sua sala de aula e, assumir a postura de professor-pesquisador reconhecendo que este ambiente é diversificado de ideias, contextos, sentidos e histórias e propício para a problematização e novas descobertas. Assim, o professor conseguirá organizar seu trabalho pedagógico de forma a dominar o conteúdo, criar estratégias para transformá-los e facilitar a interação e o desenvolvimento da aprendizagem e dos potenciais dos educandos.

Entretanto, é essencial compreendermos o papel do professor não deve ser encarado de maneira simplista, pois além dele estar conectado com os alunos é importante estar conectado a si mesmo, uma vez que estamos nos referindo a uma educação integral. “Antes de ser professor ele é pessoa como qualquer outro que pensa, chora, entristece, alegra-se, e que também pode errar. São nos erros e acertos que sua experiência pedagógica amplia-se em conhecimentos, transformando sua sala de aula num lugar prazeroso e dinâmico” (CERQUEIRA, 2006, p. 35).

Nessa direção de oportunizar que o docente esteja mais conectado consigo mesmo, entende-se que o seu conhecimento prático só será eficiente na medida em que reconhecer o seu estilo de aprendizagem, uma vez que este repercute diretamente em sua maneira de ensinar. Avalia-se então que o professor ainda ensina de acordo com o seu próprio estilo de aprender e, comumente, tende a desconsiderar o estilo de aprendizagem que seu aluno possui.

Dessa maneira, ao tomar consciência de seu papel mediador do conhecimento e das diferenças de estilos de aprendizagem, o docente depara-se com o desafio de reconhecer que o seu estilo de aprender relaciona-se diretamente com seu estilo de ensinar, proporcionando uma revisão de sua prática pedagógica.

Assim, considera-se que reconhecer o seu estilo de aprendizagem oferece ao professor indicadores que o auxiliam a guiar as suas interações com as realidades vivenciadas, facilitando assim a tomada de consciência, por meio de um caminho, de auto e heteroconhecimento. Nessa linha de entendimento, Cerqueira (2006, p.36) sugere que conhecer os estilos de aprendizagem, “deveria ser posto em prática desde o início da vida escolar, se incorporado às instituições de ensino como um dispositivo dinâmico de intervenção sobre as didáticas dos conteúdos escolares, não só disciplinarmente, mas na própria prática didático-pedagógica”.

Enfim, averigua-se que à medida que professor reconhece seu estilo de aprendizagem, ele conscientiza-se de sua prática e considera que em sua sala de aula há também, distintos estilos de aprendizagem entre seus alunos levando-o a busca da construção de novos saberes que o desafie a aprimorar sua prática pedagógica assumindo, assim, o papel de mediador e não transmissor do conhecimento.

Considerações Finais

A partir das concepções apresentadas é importante considerar que assim como em qualquer estudo, este buscou revelar apenas alguns aspectos delimitados pela temática adotada, pois no que se refere às contribuições da teoria dos estilos de aprendizagem e a tomada de consciência do professor, várias são as possíveis considerações sobre cada tema e vai muito além das questões aqui expostas e analisadas, isso se deve principalmente, devido às múltiplas dimensões que influenciam a aprendizagem.

Nesse sentido, evidencia-se que à medida que o professor rompe com a concepção de que somente o aluno precisa estar preparado e desenvolver as dimensões que influenciam a aprendizagem, este passa a olhar para si e conseqüentemente, buscar ferramentas que o auxiliem no seu cotidiano. Assim, ao conhecer o seu estilo de aprendizagem o docente, compreendendo que os seus alunos também possuem estilos de aprender diversos, tende a prestar mais atenção e conscientizar-se de sua prática pedagógica, modificando-a e assumindo estilos e estratégias de ensino que contribuam para a melhora do processo educativo.

Portanto, reconhecer o seu estilo de aprendizagem contribui para a tomada de consciência do professor e propicia que este assuma uma postura voltada para uma ação

educativa que seja crítica, reflexiva e transformadora. Para tanto, ressalta a fundamental relevância do papel do professor, enquanto pesquisador de sua prática, articulador e mediador dos conhecimentos, valendo ainda salientar a importância de que busque em suas práticas sensibilizar seus alunos a participarem ativamente, por meio da interação e do diálogo, os quais devem valorizar a individualidade de cada sujeito desta relação e suas experiências, culminando assim, na construção de novos conhecimentos, ou seja, na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Solange. M. **Freire e Vigotski: um diálogo entre a pedagogia freireana e a psicologia histórico-cultural**. Chapecó: Argos, 2012.

BANDURA, Albert. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ALONSO, C. M.; GALLEGO, D. **Aprendizaje y ordenador**. Madrid: Dykinson, 2000.

BELTRAMI, K. **Inventário de Estilos de Aprendizagem para crianças Portilho/Beltrami: O estilo de Aprendizagem das crianças e da professora de educação infantil**. 2008. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

CERQUEIRA, T.C.S. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v.7, n.1, p. 29-38, Jan./Jun. 2006

CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HONEY, P.; MUMFORD, A. **The manual of learning styles**. Maidenhead, Peter Honey. 1986.

KOLB, D.A. **Experiential learning: Experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

OSPINA, M.A.O.; SALAZAR, L.I.D.; MENESES, J.S.C. **Modelos de estilos de aprendizaje: una actualización para su revisión y análisis**. Revista Colombiana de Educación, Bogotá, Colombia, n.64. Primer semestre de 2013.

PORTILHO, E. **Como se aprende? estratégias, estilos e metacognição**. 2 ed. RJ: Wak Ed, 2009.

PORTILHO, E.M.L. **Aprendizaje Universitario: um enfoque metacognitivo**. 2003. Tese de Doutorado, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

POZO, J.I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2 ed, Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, A.A.A.; AMADI, R.G.; OLIVEIRA, K.L. **Estilos de aprendizagem e solução de problemas:** um estudo com pré-escolares. *Interação em Psicologia*, 9(1), p. 1-9, 2005.

SANTOS, S.H.C.P.; RIBEIRO, S.D.; RODRIGUES, L.M.L.; RODRIGUES, D. **Equidade e educação:** Práticas Docentes – Estudo de Caso. *Journal of Research in Special Educational Needs* . v.16, n.1, p.462–465, 2016.

VYGOTSKY, L. S. (2003). **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: ArtMed.